



A INCLUSÃO DO ESTUDANTE COM SÍNDROME DE DOWN: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM ESCOLA NO MUNICÍPIO DE GOIANA / PE

Autor: Erivan Alves dos Santos; Orientadora: Izaura Maria de Andrade da Silva

Universidade Federal da Paraíba e-mail: dhp@ce.ufpb.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar as práticas pedagógicas que são desenvolvidas com os alunos com Síndrome de Down (SD). A pesquisa foi desenvolvida em quatro escolas da área rural da rede municipal de ensino de Goiana /PE. Adotou-se nessa investigação a Pesquisa-Ação, de método indutivo com abordagem qualitativa. Usou-se como metodologia a observação participante em sala, entrevista com os professores do 1º ano ao 5º do Ensino Fundamental das escolas pesquisadas. Fez-se reunião com o professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE), realizou-se diálogo e dinâmica de grupo com os alunos da turma pesquisada. Deu-se orientação para uma reorganização da sala de aula. Selecionou-se e organizou-se um caderno de atividades pedagógicas para a alfabetização desses alunos em português e matemática com apoio dos professores das turmas e com os professores do AEE. Os resultados obtidos mostraram a necessidade de: criação de políticas municipais de formação continuada específica para professores da turma regular na inclusão dos alunos com deficiência intelectual, professor do AEE e professor do ensino regular parceiros na construção de prática pedagógica inclusiva, adequação curricular construção coletiva professor e especialistas escolar, adequação curricular individual caminho alternativo para promover a aprendizagem dos alunos com deficiência intelectual. Diante das análises, percebeu-se que é preciso muito mais que a lei para incluir esses alunos no ambiente escolar, a sensibilização e formação de todos agentes mediadores da aprendizagem para inclusão, são uns dos pontos chave do resultado dessa pesquisa.

Palavras chave: Formação de Professores, Práticas Pedagógicas, Estudante com Síndrome de Down, Adequações Curriculares

INTRODUÇÃO

A educação de nosso país ainda está muito longe de ser uma educação de referência positiva para outros países, mas é perceptível uma preocupação de avançar na perspectiva de uma educação de qualidade para todo, inclusive, para as pessoas com deficiências, as quais têm o direito de gozar das mesmas oportunidades educacionais das pessoas sem deficiências. A constituição federal garante esse direito à educação a todos em seu artigo: “Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 2013, p.42). E garante um padrão de qualidade para a educação em seu artigo 206. “O ensino será ministrado com base

nos seguintes princípios: VII - garantia de padrão de qualidade” (BRASIL, 2013, p.42), garantindo também o atendimento educacional especializado as pessoas com deficiência.

A educação da pessoa com deficiência é um direito garantido por lei, que lhe dá a possibilidade de se desenvolver de forma plena em todos os campos de sua vida. Mas, esta educação vem lhe sendo negada, pela ignorância da sociedade preconceituosa que acha que as pessoas com deficiência não têm a capacidade de aprender. Todos aprendem e se desenvolvem, mas em seu tempo, ritmo, interesse e necessidade. O Estatuto da Pessoa com Deficiência assegura:

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação (BRASIL, 2015, p.19).

A motivação da pesquisa vem da experiência de receber em minha sala de aula uma aluna com Síndrome de Down. A vontade de querer fazer algo a favor da educação dessa aluna me fez embarcar em uma busca pedagógica que favorecesse a sua aprendizagem. Nessa busca muitas coisas deram certo e muitas deram errado, por falta de uma formação específica, que me desse uma base sólida para trabalhar com esses sujeitos, essa experiência foi vivenciada no período de dois anos. Foram dois anos na busca de fazer o melhor, para dar a assistência pedagógica necessária para desenvolvimento da aprendizagem dessa aluna.

Quando se fala em pessoas com deficiências, segundo Costa (2006), na visão de Vygotsky estamos falando de possibilidades na aprendizagem dessas pessoas, pois esse teórico russo direciona seu olhar para as possibilidades que o sujeito traz em seu potencial, deixando o paradigma de incapaz que a sociedade atribui quando se refere a essas pessoas. É preciso acreditar, é preciso adequar, é preciso incluir essas pessoas para que se sintam cidadãos de direitos e deveres como qualquer outra e não pessoas sujeitas às migalhas jogadas pela sociedade preconceituosa.

Os objetivos da pesquisa são: Analisar as práticas pedagógicas que são desenvolvidas com alunos com síndrome de Down em escola no município de Goiana/PE; Identificar as práticas pedagógicas desenvolvidas com alunos com Síndrome de Down em escola no município de Goiana/PE que favoreçam a linguagem e o cálculo alfabetização e letramento; Identificar e entender as fragilidades dos professores em lidar com o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com síndrome de Down; Pesquisar atividades pedagógicas para

ajudar no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down; Organizar um caderno de atividades pedagógicas que favoreça a aprendizagem de alfabetização e letramento principalmente em português e matemática dos alunos com SD; Orientar a organização da sala de aula para facilitar a vida escolar dos alunos com Síndrome de Down nas escolas participantes.

METODOLOGIA

A referente pesquisa foi realizada em Escolas do Campo (rurais) da cidade de Goiana – PE; que oferecem o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano; tendo como sujeitos de pesquisa alunos com SD e os professores que atuam do 1º ao 5º ano e que tenham alunos com SD. O município de Goiana tem em seu sistema de ensino atualmente 17 escolas rurais. Porém, a pesquisa foi realizada apenas em quatro escolas por não conseguirmos localizar, em tempo hábil, todas que tinham alunos com SD.

Foi adotado nesta investigação a Pesquisa – Ação, como método indutivo com abordagem qualitativa, com o intuito de intervir na realidade, para contribuir com os sujeitos da pesquisa. Na perspectiva de favorecer o contexto pesquisado e ser favorecido por esse contexto, na aquisição de conhecimentos e reflexão sobre a realidade. Esse tipo de pesquisa é definido por Thiollent:

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (1985, p. 14, apud GIL, 2008, p.55).

O método utilizado foi a observação participante em sala de aula, entrevista com os quatro professores do Ensino Fundamental das escolas pesquisadas, que tinham alunos com SD para compreender as práticas pedagógicas direcionadas a esses alunos.

Realizou - se reunião com o professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) de cada escola para fortalecer a parceria junto ao professor do ensino regular, para que o mesmo possa dar uma assistência pedagógica no trabalho com o aluno com SD. Com as turmas foi feito diálogo indisciplina e violência, contação de fábula e dinâmica de grupo para sensibiliza-los da inclusão dos alunos com deficiência. Além de orientação para uma reorganização da sala de aula, colocando os alunos com SD nas primeiras cadeiras, para que possam receber a assistência pedagógica necessária da professora, para obter a atenção deles nas atividades. Seleção de atividades pedagógicas de português e matemática, para organização de um caderno de atividades para favorecer a aprendizagem dos alunos com SD.

Apresentação de todo o material ao professor de AEE e ao professor do ensino regular para uma avaliação deste.

Foi realizada uma análise das questões da entrevista e dos dados coletados, através de um levantamento quantitativo das perspectivas das questões apontadas na entrevista. Foram pontuadas algumas questões observadas nas aulas dos professores pesquisados e as fragilidades relatadas que serão apresentadas e discutidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa, revelou que as leis de inclusão não estão sendo cumprida no contexto escolar dos alunos com SD e das demais deficiências. As instituições estão negando à educação de qualidade, que atenda às necessidades de aprendizagem e ensino desses sujeitos, portanto, é preciso muito mais que leis para garantir a inclusão, é necessário a consciência, um olhar além das aparências, a capacidade de se colocar no lugar do outro etc.

Os alunos com síndrome de Down estavam inseridos em salas numerosas e multisseriadas, sem um apoio escolar na sala, assistidos por professores sem formação específica para trabalhar com alunos com Deficiência Intelectual (DI), profissionais desestimulados com seu contexto escolar.

Os alunos são acompanhados pelo o AEE, por profissionais preparados, mas os professores do ensino regular, por falta de experiência com alunos com DI, questionaram a falta de apoio dos professores do AEE na orientação de como conduzir a educação dos alunos. Não há uma parceria entre esses dois profissionais, na discussão e construção de proposta pedagógica adequada para favorecer o ensino e a aprendizagem do sujeito.

Observou se vários problemas que impedem a inclusão plena dessas pessoas, como: organização da turmas, estrutura física da escola e principalmente das salas, material didático inadequado, falta de estímulo dos professores, indisciplina e violência de algumas turmas, a ausência de apoio escolar para o aluno com SD, mas o consideramos o principal problema, a falta de preparação dos profissionais para receber esses alunos, principalmente a dos professores do ensino regular, o qual passa mais tempo com o aluno na escola. Essa ausência de formação deles, impedem que deem assistência pedagógica adequada aos alunos.

Com base nas observações e nas entrevistas, constatou se as fragilidades dos professores no trabalho com o aluno com SD, uma delas é a ausência de motivação para ir em busca de alternativa que inclua esse aluno, dentro do processo de aprendizagem e ensino, não há um preparo desse profissional para trabalhar com o aluno com deficiência, além dessa falta de preparo tem o contexto das salas multisseriadas. Esses alunos vêm se arrastando ao logo

dos anos, sem ter uma proposta pedagógica sistemática que favoreça o processo de alfabetizadas e letramento.

TABELA 1 – CONTEXTO ESCOLAR DOS PROFESSORES

Escola	Professor	Idade	Formação	Tempo que Leciona	Turma	Nº Aluno
Escola 1	P 1	58 Anos	Pedagogia com habilitação em administração escolar	26 anos	Multisseriada: 4º e 5º ano	29
Escola 2	P2	36 Anos	Licenciatura em Biologia e Pós-graduação em Ensino da Biologia	12 anos	Multisseriada: 1º,2º,3º,4º e 5º ano	25
Escola 3	P3	59 Anos	Licenciatura em História e Pós-graduação em História do Brasil	24 anos	Seriada: 5º ano	32
Escola 4	P4	50 Anos	Pedagogia	10 anos	Multisseriada: 4º e 5º ano	29

FONTE: Os professores pesquisados (2017).

LEGENDA: P = Professor.

Ao ser entrevistados, os professores pontuaram algumas barreiras que o impedem desenvolverem um trabalho com os alunos com síndrome de Down e outras deficiências. Pontuaram as seguintes questões: Falta de experiência e formação para o trabalho com aluno com SD. Ausência de Especialistas para orientá-los. Ausência de Parceria com o professor do AEE. Sala Multisseriada. Falta de apoio familiar no processo de desenvolvimento. Falta de limites na educação doméstica. Falta de Tempo para o trabalho com o aluno com SD. Infrequência do aluno com SD. Ausência de cuidador.

A falta de experiências e de formação continuada do professor no trabalho com alunos com deficiências, segundo os entrevistados, é o que mais pesa na inclusão desses alunos. Essa formação continuada é de responsabilidade do poder público e dos sistemas de ensino, que tem a autonomia para buscar parceria para capacitar seus professores, para atender as demandas educacionais e o oferecer um ensino de qualidade para todos os alunos. Segundo a lei 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, (LDBEN), art.59, inciso III, diz:

Art.59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação:
 III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para integração desses educandos nas classes comuns;(BRASIL, 2016, p. 19).

A ausência de especialista (coordenador pedagógico, psicólogo, psicopedagogo) na escola para orientá-los pedagogicamente, outra barreira é a ausência de uma parceria junto ao professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE), para orientá-los no trabalho com os alunos com síndrome de Down. No Centro de Educação Especial do município, são oferecidos serviços de atendimento com psicólogo e psicopedagogo aos alunos com deficiências da rede municipal de ensino, no entanto, esses especialistas não fazem um trabalho de formação ou orientação com os professores dos alunos pesquisados.

O município dispõe de um pequeno grupo de professores especialistas no AEE, esse grupo é distribuído na rede nas escolas da rede de ensino que tem alunos com deficiências, para fazer o atendimento aos mesmos, na sala “Multifuncional”. Porém, muitas escolas não dispõem de estrutura física para organizar essa sala, o atendimento acontece em espaço improvisado, as escolas possuem alguns materiais para atendimento dos alunos. Os atendimentos são realizados uma vez na semana no horário “oposto”, da aula do aluno atendido, no entanto, percebemos que não há uma interação, ou seja, uma parceria entre o professor do AEE e o professor da sala regular, ambos realizam seus trabalhos separadamente.

Alguns professores apontaram a falta de apoio da família como barreiras que impossibilita o sucesso escolar desses alunos. Citaram a falta de limites na educação doméstica. Mas como qualquer outro aluno, eles devem também aprender as regras de convivência, em qualquer campo e grupo que compõe a sociedade, tendo seu início de aprendizagem de regras de convivência, no seu primeiro grupo social, a família.

Quando se trabalha com sala multisseriada uma das barreiras mais citadas, é a falta de tempo para realizar um trabalho sistematizado, planejado e significativo, com o aluno com síndrome de Down. Isso é preocupante, se todos começarem a introduzir essa ideia de falta de tempo de realizar um trabalho com esse aluno dentro desse contexto educacional, o que será deles? Será apenas mais um número dentro das estatísticas de alunos matriculados em nosso país? Eles não devem se tornarem invisíveis aos olhos dos professores, devem gozar do mesmo direito a educação, que os demais alunos gozam, é preciso refletir melhor para organizar o tempo pedagógico de forma equilibrada, possibilitando a todos o direito de gozar do seu tempo pedagógico em sala de aula e na escola como um todo. Os entrevistados relatam que não podem se dedicar aos alunos com síndrome de Down como se deve, porque não pode prejudicar os demais alunos do 5º ano que não tem deficiências, que todo ano fazem uma avaliação a nível estadual do Sistema de Avaliação da Educação Básica de Pernambuco (SAEPE).

A infrequência desses alunos também foi citada por alguns entrevistados, como barreira que impede o desenvolvimento escolar desses alunos.

Diante desse contexto de infrequência, é preciso ressaltar que as escolas da rede municipal de ensino, são assistidas pelo FICAI (Ficha de Comunicação de Aluno Infrequente), em parceria com o ministério público, conselho tutelar e dentre outros órgãos, onde eles fiscalizam as infrequências nas escolas e fazem as intervenções necessárias, para evitar o abandono escolar dos alunos. Então, por que há infrequência desses alunos? Será que esse processo de fiscalização e intervenção está acontecendo na escola? Na lei 9.394/96 (2016, p. 9) no art.5. §1º, inciso III diz: “§ 1º O poder público, na esfera de sua competência federativa, deverá: III – zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola”.

A ausência de cuidador para os alunos com SD em sala de aula, foi citado pelos professores, no entanto, de acordo com as observações os alunos não precisam de alguém para cuidar deles como por exemplo levar ao banheiro, alimentá-los, observá-los para não caírem, pois, os mesmos conseguem fazer esse tipo de atividade com autonomia. Eles precisam de um apoio pedagógico especificamente em sala de aula, para realizarem as atividades pedagógicas, sob a supervisão e orientação dessa pessoa, sob as coordenadas do professor da sala de aula, que é responsável pela aprendizagem desses alunos com síndrome de Down.

Diante das observações do cotidiano das turmas, listamos outras barreiras pertinentes, para refletirmos e entender o contexto educacional, dos alunos com síndrome de Down e com outras deficiências nestas instituições de ensino.

TABELA 2 – CONTEXTO ESCOLAR DOS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN

Aluno	Sexo	Idade	Escola	Turno	Ano	Professor	Acompanhado pelo AEE	Acompanhamento Clínico
A1	F	9 Anos	Escola 1	Manhã	4º	P 1	Sim	Não
A2	F	23 Anos	Escola 2	Manhã	5º	P 2	Sim	Não
A3	M	20 Anos	Escola 3	Tarde	5º	P 3	Não	Não
A4	F	14 Anos	Escola 4	Manhã	5º	P 4	Sim	Não

FONTE: Dados das escolas pesquisadas (2017).

LEGENDA: **A** = Aluno / **F** = Feminino / **M** = Masculino / **P** = Professor / **AEE** = Atendimento Educacional Especializado.

QUADRO 1 – OBSERVAÇÕES DO CONTEXTO DA SALA E DA TURMA

Turma	Observação Física da Sala de Aula	Observação Comportamental da Turma	Observação do Aluno com Síndrome de Down
P1	É organizada, limpa e de boa estrutura física, os materiais didáticos expostos na sala como: calendário, mapa, alfabeto, números, quadro de aniversariantes entre outros, são bem distribuídos, porém o excesso de livros velhos em uma estante no fundo da sala transmite uma desorganização. A escola precisa de uma pequena reforma.	Apresenta atitudes de respeito para com a aluna com SD, mas o excesso de cuidados e as vezes a infantilização na interação com aluna, atrapalha o desenvolvimento de sua autonomia, apesar que a mesma tem autonomia de realizar coisas do cotidiano escolar sem ajuda.	Tem laudo, tem um comprometimento na fala que dificulta a sua comunicação com o outro, senta na frente próximo a professora, não é alfabetizada, as vezes falta nas aulas.
P2	Precisa melhorar sua organização e limpeza, não tem uma boa estrutura física, o excesso de materiais didáticos expostos nas paredes e na sala são mal distribuídos na sala e malconservados e as mobílias se encontra no estado de mal conservação. A escola precisa de uma grande reforma.	Apresenta indisciplina, falta de respeito um para com o outro, atitudes de violência e preconceito, a indisciplina e violência ocorrem constantemente no cotidiano da sala, prejudicando o tempo pedagógico da turma que é multisserida, isso vem impedindo que a professora direcione um trabalho para aluna com SD.	Tem laudo, mas não está no arquivo da escola, é repetente do 5º ano, senta atrás na sala de aula, não é alfabetizada, é muito infrequente. A aluna com SD tem autonomia de realizar coisas do cotidiano escolar sem ajuda de outros.
P3	Precisa melhorar sua organização e limpeza, tem uma boa estrutura física, não há materiais didáticos expostos nas paredes e nem na sala, as mobílias se encontram no estado de mal conservação. Mas a escola precisa de uma pequena reforma principalmente na pintura das paredes dentro das salas.	Apresenta indisciplina, falta de respeito um para com o outro e principalmente para com os alunos com deficiência intelectual (DI), atitudes de violência e preconceito. Os alunos com DI, pedem a professora para ir para casa após o lanche, isso ocorre frequentemente pelo que foi observado no decorrer da pesquisa, de acordo com as observações, não há uma proposta de trabalho direcionada para eles, que use o tempo de 4 horas em sala de aula e que predam a atenção dos mesmos, deixando-os inquietos, ao ponto de preferirem ir para casa.	Tem laudo, é repetente do 5º ano, senta atrás na sala de aula, não é alfabetizado, é muito infrequente. Segundo a professora o aluno com SD tem autonomia de realizar coisas do cotidiano escolar sem ajuda de outros. Além desse aluno, há mais 3 alunos com deficiência intelectual e 1 com deficiência auditiva, totalizando nessa turma 5 pessoas com deficiência e com laudo. Essa quantidade de alunos, segundo a professora, é um dos fatores que não colaboravam para que ocorresse um trabalho direcionado à educação desses sujeitos.
P4	É pequena e precisa melhorar sua organização e limpeza, não tem uma boa estrutura física, não há materiais didáticos expostos na sala, tem alguns trabalhos expostos na parede do fundo, as mobílias se encontra no estado de mal conservação. A escola precisa ser toda reformada.	Apresenta indisciplina, falta de respeito um para com o outro. A indisciplina e a violência ocorrem constantemente no cotidiano da sala, prejudicando o tempo pedagógico, isso vem impedindo que a professora direcione um trabalho melhor com a aluna com SD e com toda turma.	Tem laudo, mas não está no arquivo da escola, é repetente do 5º ano, senta na fila do meio na sala de aula, quase próximo da professora, não é alfabetizada. A aluna com SD tem autonomia de realizar coisas do cotidiano escolar sem ajuda de outros.

FONTE: Autor (2017).

LEGENDA: P = Professor.

Dentro do contexto das escolas pesquisadas, foi possível perceber diversas dificuldades no cotidiano das turmas. Pontuamos algumas questões: Indisciplina da turma.

Falta de conhecimento que favoreça a inclusão do aluno com SD. Ausência de planejamento para o trabalho com o aluno com SD. Falta estímulo dos professores. Preconceito da turma. Ausência da ludicidade no trabalho com o aluno com SD. Infantilização das atividades. Infantilização do professor na relação com o aluno com SD. Ausência de atividade de interação do aluno com SD com os demais alunos da turma. Carência de um apoio em sala de aula para o aluno com SD.

Segundo Antunes, (2013, p. 1) diz: “disciplina é uma relação de afeto e respeito, uma ação recíproca de cumprimento de normas”. A indisciplina é uma das problemáticas que mais dificultam a realização de um bom trabalho em sala de aula e no contexto escolar de forma geral, no entanto também se apresenta de forma muito forte no prejuízo do processo aprendizagem, nas turmas de organização multisseriadas das escolas pesquisadas, prejudicando assim, o desenvolvimento da aprendizagem de toda turma e principalmente dos alunos com síndrome de Down e outras deficiências.

A indisciplina causa uma desordem muito grande no contexto de sala de aula prejudicando a convivência com o outro, a aprendizagem, desperdiça o tempo. O tempo pedagógico é muito prejudicado quando não há disciplina no tempo, assim diz: Antunes (2013, p. 1), “Existe, por exemplo, uma disciplina em relação ao tempo; cumprir horários, acatar prazos, entregar tarefas nos momentos em comum estabelecidos, planejar o tempo para ações, discutir cronogramas. ” Temos também que levar em consideração, que essa indisciplina é um reflexo da educação doméstica que esses sujeitos vivenciam em seus contextos familiares, que são pautados nos princípios que seu núcleo familiar adota como regras de convivência em sociedade.

A falta de conhecimento sobre a síndrome de Down e como trabalhar com alunos com síndrome de Down, foi um dos pontos observados que engessa o professor de realizar um trabalho direcionada com esses alunos, isso acontece por falta de uma formação específica.

O sentimento de incapacidade relacionada as pessoas com deficiências, está ainda interiorizada no íntimo de muitas pessoas, que foca suas atenções só nas deficiências, e não Ser Humano que necessita de apoio e credibilidade para SER MAIS. E com essa visão de sentimento de incapacidade, ocorre o insucesso das pessoas com deficiências dentro e fora das escolas. Podemos refletir em (COSTA, 2006), que diz:

A concepção do ser humano como imutável, por nós herdada, gerou na sociedade, e também nos educadores, uma expectativa muito negativa com relação às possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento do aluno com necessidades educativas especiais, o que pode acarretar consequências desastrosas no processo educativo e de intervenção. (COSTA, 2006, p.2)

A falta de estímulo dos professores é uma barreira que vem assolando as práticas pedagógicas desses profissionais, a cada dia se torna algo comum ver professores desestimulados em exercer com excelência a mais sublime das profissões, no entanto, essa falta de estímulo é ocasionada por vários fatores que vem se arrastando a décadas no contexto educacional do nosso país, que vai de políticas de valorização educacional, profissional, humana e principalmente financeira, que é um dos focos primordiais de reivindicações dos professores

A falta de planejamento para o trabalho com os alunos com síndrome de Down, contribui para o fracasso escolar desses alunos, comprometendo seu desenvolvimento como um todo, não consegui ver nenhum planejamento sistematizado dos entrevistados, as atividades dos alunos com síndrome de Down eram elaborada na hora da aula e muitas das vezes também era selecionada na hora da aula para impressão da atividade, onde a maioria das vezes eram atividades de desenhos para pintar, sem nenhuma contextualização. Os exercícios de cobrir e copiar determinada letra eram repetitivos e mecânicos, os professores alegavam que está trabalhando a coordenação motora desses alunos, essas atividades eram usadas com muita frequência e sem uma contextualização do conteúdo que estava sendo explorado, há outras formas de se abordar esse conteúdo e com outras atividades que desenvolva a coordenação motora

É preciso rever a questão da interação do professor / aluno com síndrome, aluno sem síndrome de Down /para não infantilizar essa relação e interação, alguns desses alunos com síndrome de Down não são mais bebês, os sujeitos dessa pesquisa são: uma criança de 9 anos, uma adolescente de 14 anos, uma adulta de 23 anos e um adulto de 20 anos. Então não há necessidade nenhuma de infantilizar o mundo deles, pois devem ser tratados de acordo com pessoas da sua faixa etária, respeitando as particularidades que eles trazem consigo. Eles precisam de interagir com o outro de forma igual para entender que não são mais bebês, para que percebam que estão crescendo e precisam se relacionar de acordo com seu desenvolvimento.

A ludicidade é uma forma criativa de explorar o conhecimento se divertindo, que usa como ferramenta jogos, brincadeiras, objetos de estudo concreto etc, atualmente tem sido muito requisitado a inserção da ludicidade nos planejamentos dos professores, os especialistas de planejamento dos sistemas de ensino e das instituições de ensino, vem cobrando cada vez mais um trabalho pedagógico pautado na ludicidade, nas formações continuadas oferecidas pelo MEC, como também por outras formações criadas pelos sistemas

de ensino municipal. No entanto, foi observado uma única atividade lúdica no decorrer da pesquisa na turma de 5º ano da escola 2 com a aluna com SD. É também nos jogos e brincadeiras que os sujeitos participantes desenvolvem sua socialização, oralidade, autoestima, confiança, amizades, respeito, limites e expressa suas emoções.

Quando os alunos com SD são incluídos em atividades de interação com outros alunos especificamente em atividades lúdicas, os mesmos são postos a ultrapassar suas barreiras na interação com o outro, sendo motivados naturalmente dentro do contexto a expressar seus pensamentos e emoções, dialogar com o outro, respeitando a si mesmo e aos outros em suas potencialidades e fragilidades, cumprir regras e aprender a conviver com o outro, e enfrentar conflitos dos mais diversos em seu cotidiano com autonomia .

Os professores de sala de aula regular, que estão entregues a dura sorte para realizar um trabalho com os alunos com SD, no contexto de sala multisseriadas, percebemos que não há adequações para favorecer a aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down, não há um planejamento sistemático para o trabalho com esses alunos. As práticas desenvolvidas, além de não ser atrativas, não favorecem a aprendizagem desses alunos.

Não é fácil trabalhar com pessoas com SD, mas cruzar os braços diante das situações e entregar esses indivíduos a dura sorte, só vai piorar a vida deles. Se olharmos por outros ângulos perceberemos que há possibilidades de se fazer um bom trabalho com eles, não estamos à procura de fazer o extraordinário acontecer na vida deles, mas de fazer o melhor que possamos, para que os mesmos avancem o máximo que podem, tornando – os visíveis dentro do contexto escolar em uma perspectiva ampla de inclusão. É preciso mudarmos olhar para educação das pessoas com deficiências, se não houver adequação dos contextos que favorecem a aprendizagem, nunca haverá a inclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que se tenha uma escola inclusiva, precisa-se que todos que faz a comunidade escolar una forças na busca de alternativas pedagógicas e outras, com o objetivo de propor uma educação de qualidade e inclusiva às pessoas com SD. É necessário nos tornar mais sensíveis para dá a devida dedicação a educação dessas pessoas, colocando em prática o que já está posto nas leis vigentes. As pessoas com SD e com outras deficiências, não estão na escola para passar o tempo de 4 horas fora de casa, sem fazer nada. Estão no espaço escolar, porque tem direito à educação, são seres humanos, são pessoas, são capazes de aprender.

Então, deve ser instruídos como quaisquer cidadãos sem deficiência, tendo suas particularidades intelectuais respeitadas.

Na referida pesquisa alcançou-se alguns objetivos, variando o quantitativos de turmas, conseguiu-se identificar e entender as fragilidades dos professores em lidar com o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com síndrome de Down nas quatro escolas; conseguiu-se pesquisar atividades pedagógicas e organizar cadernos de atividades para alfabetização e letramento principalmente em português e matemática para ajudar no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com Síndrome de Down nas quatro escolas; conseguiu-se orientar a organização da sala de aula para facilitar a vida escolar dos alunos com Síndrome de Down nas escolas participantes, só uma escola acatou. Realizou-se reunião individual com os professores de AEE de três escolas, uma das escolas analisadas não tinha esse profissional. Algumas atividades como o diálogo sobre indisciplina e violência, dinâmica de grupo e contação da fábula; foi realizada em algumas turmas de acordo com a necessidade da turma.

Não é impossível alcançar uma Educação Inclusiva para as pessoas com deficiência. O difícil é sair da zona de conforto, abraçar e interiorizar as mudanças das concepções do fazer educação, dentro do nosso contexto educacional e fazer essa Educação Inclusiva acontecer

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013, p. 298 a 304.

BRASIL, Decreto de lei 13.146/2015, de julho de 2015. Diário Oficial – 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**, 2015.

BRASIL, Decreto de lei 9.394, de dezembro de 1996. Diário Oficial – 23 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 2016.

COSTA, Dóris Anita Freire. **Superando Limites: a contribuição de Vygotsky para a educação especial**. In: Res. psicopedag. vol.23 nº 72. São Paulo, 2006.

GIL, Antonio Carlos, 1946 - **Como elaborar projeto de pesquisa**. / Antonio Carlos Gil. - 4.ed.- 11reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

GOIANA-PE. Secretaria de Educação e Inovação. Divisão de Educação Especial. **Orientações para o trabalho do professor de apoio a educação especial**. 2017.

LILITO, um Amor de Caracol. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/ElieneDias/lilito-um-amor-de-caracol>. Acessado em [ca 14 de abril de 2017].